



O nome simples
do cidadão anónimo,
que é negro,
e um dia,
cumprindo a rotina
do seu quotidiano,
foi às compras,
e o que comprou foi a morte,
assassinado por um polícia,
tornou-se
símbolo de humanidade.

Obra do artista BANKSY
publicada na sua conta *Instagram*

não matem a cotovia

HÁ NOMES QUE DOEM.

Nomes de gente comum, cidadãos anónimos, cuja vida é igual a milhões de seres que, por esse mundo fora, cumprem a banalidade de uma existência triste, na fronteira das desigualdades e da liberdade. Subitamente, sem estar escrito nas estrelas, pois essa escrita está reservada aos momentos felizes, um desses nomes comuns tornou-se símbolo de todas as injustiças de que o terrorismo de Estado, com os seus tentáculos de poder, com a sua mentalidade doentia e autoritarismo policial, estigmas de totalitarismo, é capaz.

O nome simples do cidadão anónimo, que é negro, e um dia, cumprindo a rotina do seu quotidiano, foi às compras, e o que comprou foi a morte, assassinado por um polícia, tornou-se símbolo de humanidade. O cidadão negro, americano, do Minnesota, chamava-se GEORGE FLOYD e foi estrangulado pelo agente da polícia, Derek Chauvin, com requintes de malvadez. Cometera George Floyd um crime grave, matara alguém, exercera violência gratuita, por um punhado de dólares? Nada

disso. Apenas fora às compras e pagara. O lojista desconfiou da falsidade de uma nota de vinte dólares, e chamou a polícia. Em boa verdade, o delito de George Floyd era ser negro. Algemado, com as mãos atrás das costas, deitado no chão, o polícia colocou-lhe um joelho sobre o pescoço e assim o asfixiou, apesar da vítima suplicar que não conseguia respirar.

O caso originou motins e protestos em várias cidades e uma inquietação colectiva alastrou pela América, como bandeira de repulsa contra uma sociedade que historicamente, desde a escravatura até hoje, nunca sacudiu os comportamentos racistas e de grande violência contra os negros. Mais de meio século depois da morte de Luther King e das batalhas pelos direitos cívicos, nos anos 60 do século passado, depois dos Estados Unidos da América ter tido um Presidente negro, Obama, os crimes e as desigualdades do racismo, continuam a matar e a envenenar a sociedade. A mostrar essa sórdida realidade está o ideário racista do próprio Trump, desgraçadamente para os Estados Unidos da América, seu presidente.

Há mais de cinquenta anos, LUTHER KING dizia ter um sonho: “Eu tenho um sonho, que um dia esta nação levantar-se-á e viverá o verdadeiro significado da sua crença: consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais.”

Há mais de cinquenta anos, uma escritora americana, Harper Lee, escreveu um livro, **“Não Matem a Cotovia”**, um romance sobre a condição humana que comoveu o mundo. O livro mergulha fundo na violência racista contra os

negros, privados de direitos humanos e confinados à marginalidade social (que Gregory Peck celebrizou no filme *“Na Sombra e no Silêncio”*), e mantém uma actualidade, que é bem o retrato dos tempos que passam.

O sonho continua por cumprir. Mas é preciso acreditar que virá o dia em que não matem a cotovia.

Fernando Paulouro Neves.

Jornalista

do seu Blog *Noticias do Bloqueio*, 03.06.2020

Na segunda-feira 25 de Maio, *Dia dos Caídos* nos Estados Unidos, **GEORGE FLOYD** suplicava pela vida enquanto Derek Chauvin, agente da polícia de Minneapolis lhe esmagava o pescoço com um joelho contra o pavimento. *“Por favor, por favor senhor agente! Não consigo respirar, não consigo respirar”*, suspirava **GEORGE FLOYD** com as mãos algemadas atrás das costas. As testemunhas dos acontecimentos pediram repetidamente a Chauvin que abrandasse a pressão, mas o agente continuou com o joelho enterrado no pescoço de FLOYD. Um devastador vídeo de dez minutos registou este assassinio em câmara lenta, cada respiração mais débil que a anterior. Até que o corpo inerte de FLOYD foi atirado para uma maca e transportado numa ambulância para o hospital, onde foi declarada a morte. []

Jejum eucarístico e missas solitárias



José Manuel Ballester, *Hidden Spaces, Última Ceia* (2010)

Estou cada vez mais convencido de que esta crise, devida ao coronavírus, tornou possível um *apocalipse* no sentido mais profundo do termo, um «levantar o véu» sobre uma realidade que não sabíamos ler nem destrinçar: um múltiplo apocalipse, que revelou a situação da vida da Igreja em Itália.

Não escondo que existe em mim, mais do que um mal-estar, um verdadeiro sofrimento eclesial. Foi desestabilizada uma convicção profunda que me habitava: a de que, na minha vida de fé, o concílio Vaticano II tenha significado não uma descontinuidade, mas uma verdadeira renovação. Muitas vezes, nestes meses, me pareceu que, ao nível eclesial, se viveu como no tempo da minha infância e juventude, antes da reforma litúrgica e da mudança de paradigma do viver cristão no seio dos homens.

De um modo particular, o modo como foi tratada a eucaristia, o sacramento do qual brota toda a vida da Igreja, em palavras e ações, feriu-me gravemente. Que fique claro: com este contributo não pretendo, de modo nenhum, alimentar polémicas diante das disposições improvisadas, das proclamações plenas de segurança, das asserções ideológicas que se seguiram nestes meses de estado de

emergência. Desejo apenas afirmar as minhas convicções, pondo-me à escuta da realidade e das vozes de homens e mulheres crentes aos quais procurei estar próximo nesta situação inaudita.

É verdade, o juízo é severo: continua a ser para mim incompreensível que um presbítero tenha podido pensar estar a celebrar uma verdadeira eucaristia em direto, por *streaming*, pedindo aos que estavam a assistir de terem um pão na mesa de suas casas e de o comerem no momento próprio do ritual da missa, enquanto o presbítero lhe conferia a “consagração” por via digital. Continua a ser para mim difícil de compreender a «missa sem povo», celebrada por um presbítero solitário e teletransmitida. Na minha mente e no meu coração está impresso o que aprendi no catecismo: para a celebração da missa é necessária a presença pelo menos de um fiel. Recordo-me tantas vezes do padre que vivia na minha aldeia e que, para «poder dizer missa», se esforçava por encontrar um fiel (eu, com frequência, pois vivia diante da igreja), para que a missa pudesse ser celebrada.

As missas solitárias que testemunhamos neste período – por vezes tornadas mais ridículas com fotografias de fieis colocadas nos bancos, ou com criações arbitrárias e histriónicas do presbítero – deram apenas a imagem de um clericalismo que imaginávamos já sepultado. Quase todos se calaram e consentiram com esta situação, salvo alguns padres e teólogos verdadeiramente inspirados pelo Vaticano II. Alguns escreveram até aos respetivos bispos para lhes comunicar que, durante o tríduo pascal, não celebrariam uma eucaristia privada ou teletransmitida, para não viverem uma situação de privilégio. Sejamos claros: muitos presbíteros (e, com eles, algumas comunidades religiosas) puderam celebrar a eucaristia, sem se interrogarem nem discernirem as contradições litúrgicas que viviam, enquanto

todos os outros tinham de praticar o jejum eucarístico.

Não posso também esquecer o sofrimento ao saber que muitos doentes, já impossibilitados de ter a proximidade dos entes queridos, ficaram privados também do conforto religioso. Os presbíteros obedeceram às disposições do governo, mas teria sido bom recordar que os cristãos, sobretudo os anciãos, não se preparam para viver o êxodo desta terra sem a confissão e a eucaristia, situação agravada pela solidão. Cristãos habituados a rezar diante da morte depois de terem recebido o sacramento da confissão e, se possível, a unção dos enfermos e a eucaristia, viveram de um modo mais dramático este testemunho da «pastoral eclesial».

Mais uma vez, foi a voz do Papa Francisco que nos alertou, na sua meditação matutina de 17 de abril, em Santa Marta: «alguém me fez refletir sobre o perigo deste momento que estamos vivendo, essa

pandemia que fez que todos nos comunicássemos também religiosamente através dos *media*, inclusive esta missa: estamos todos comunicados, mas não juntos, espiritualmente juntos. O povo é pequeno. Há um grande povo: estamos juntos, mas não juntos. Também o sacramento: hoje vocês terão a eucaristia, mas as pessoas que estão em conexão conosco (terão) somente a comunhão espiritual. E esta não é a Igreja. Esta é a Igreja de uma situação difícil, que o Senhor a permite, mas o ideal da Igreja é sempre com o povo e com os sacramentos. Sempre».

Eis porque colocamos algumas questões: porquê tanta superficialidade no adotar a modalidade de celebrações eucarísticas em *streaming*? Porque não dizer claramente que uma «liturgia virtual» não é uma liturgia cristã? E, sobretudo, por que não se conseguiu – à exceção de algumas dioceses – promover uma liturgia doméstica, uma liturgia da Palavra na família e na comunhão, liturgia na qual a presença de Cristo é eficaz e vivificante como na eucaristia? Onde estão os frutos de tantas exortações papais, em particular de Bento XVI e de Francisco, que convidam a celebrar em conjunto a Palavra, mesmo na família ou em pequenos grupos, certos de que o Senhor Ressuscitado está nela presente e que essa Palavra “repartida”, graças à *epiclesis*, é corpo de Cristo, alimento e viático a caminho do Reino? Não sinto desprezo nem desconfiança em relação aos *media* que hoje dominam o nosso horizonte, mas continuo convicto de que a virtualização da liturgia significa a morte da liturgia cristã, que é sempre o encontro de corpos e de realidades materiais.

Não esqueçamos que a assembleia, a reunião dos crentes, é a própria essência da Igreja, realidade convocada por Deus. Neste sentido, o sacramento eucarístico não pode ser virtual, mas é vivido na sua realidade de Ceia do Senhor, celebrada por uma comunidade

específica. A eucaristia cristã é o evento no qual se come e se bebe em conjunto, assimilando o corpo do Senhor doado na Palavra, no Pão e no Vinho, para se tornar assim o corpo eclesial de Cristo. Se é verdade que não há Igreja sem eucaristia, é também verdade que não há eucaristia sem Igreja.

Tentarei agora, enfim, fazer uma leitura católica do que, na minha opinião, teria sido um melhor proceder. Sabemos antes de mais que os monges do deserto ficavam muito tempo sem eucaristia, na sua solidão expectante do Reino. Também São Bento, o pai dos monges do ocidente, na sua condição eremítica precedente à fundação da vida cenobítica, vivia sem eucaristia. O seu biógrafo Gregório Magno narra que São Bento se esqueceu até uma vez de celebrar a solenidade litúrgica mais importante: «tão afastado dos homens, o servo de Deus ignorava até que aquele era o dia de Páscoa».

Pode-se assim, por um certo tempo, fazer uma

vida cristã sem a celebração eucarística. Assim aconteceu no deserto, assim aconteceu e continua a acontecer nas horas de perseguição e, para muitos, nas situações de doença ou de impedimento a participar na eucaristia juntamente com a comunidade eclesial, como na Amazónia ou em terras de missão, devido à escassez de presbíteros. Disto os monges sempre tiveram uma consciência clara. Bastaria reler as palavras de Guilherme de Saint-Thierry, abade cisterciense do século XII: «Se bem que seja lícito celebrar sozinho (a eucaristia), a seu modo, tempo e lugar, a alguns homens a quem foi confiado este ministério (isto é, os presbíteros), todavia este mistério expõe-se diante de todos (...) Se quiseres, e se o quiseres de verdade, a todas as horas do dia e da noite, na memória de Cristo crucificado e ressuscitado, comerás o seu corpo e beberás o seu sangue» (*Carta de Ouro*, 117.119).

Mas seja afirmado claramente que, na fé cristã, o «culto segundo a palavra» (*loghiké latreia*: Rm 12, 1) é antes de mais um culto real: culto na vida, na comunidade dos irmãos e irmãs e no seio da humanidade. E se é verdade que o culto real tem necessidade do culto simbólico, este não pode nunca substituí-lo. Todos sabemos que, mesmo faltando as condições para a celebração eucarística, desejada ardentemente pelos cristãos, a fé não se perde, e mais do que nunca os crentes são chamados a viver o culto como oferta das suas vidas e dos seus corpos, no serviço, na cura e no amor dos irmãos e das irmãs. Somos conscientes de que, durante décadas, os cristãos dos tempos primitivos viveram o culto nas suas casas, como testemunham os *Atos dos Apóstolos* (cf. 2, 42)? O jejum eucarístico de toda a Igreja, quando é

de facto imposto pela situação de emergência, deve encontrar todo o corpo eclesial solidário, todo o corpo empenhado no sofrimento pela «falta» do alimento essencial. Somos chamados a viver a obediência da fé nesta exigente comunhão, na expectativa de podermos celebrar juntos a eucaristia, que é sempre festa pascal.

No meu coração está o desejo de que os cristãos não se habituem à «missa como e quando querem», «de casa», e que possam regressar à eucaristia dominical convictos de que – como diziam os mártires das origens – *sine dominico non possumus*, «sem a eucaristia dominical não podemos dizer-nos cristãos». Espero também que tenhamos descoberto a força salvífica da palavra de Deus contida nas Escrituras, Palavra pregada e celebrada também na liturgia doméstica.

ENZO BIANCHI. Ex-Prior do Mosteiro de Bose, Itália.

In *Vita Pastorale*, junho 2020, dossier «Questa non è la chiesa»
Retirado de monasterodibose.it Tradução: Rui Pedro Vasconcelos

o joelho e o pescoço



SE, COMO SE DIZ MUITAS VEZES, uma imagem pode valer mais que mil palavras, aquela imagem que a televisão nos trouxe de Mineápolis, USA, confirma a fórmula. Muitos de nós, designadamente boa parte dos telespectadores do serão do passado domingo, sabemos do que se trata: a imagem mostrava um joelho decerto robusto a pressionar a garganta de um homem prostrado no chão. Mas dizê-lo assim não é dizer tudo: é preciso acrescentar o que a imagem só por si não contava: que o joelho era de um polícia norte-americano e branco, que a garganta era de um norte-americano negro, dito afroamericano, e que a pressão se manteve até que o negro morreu. A quem queira saber um

pouco mais, designadamente os antecedentes imediatos daquela situação, dir-se-á que o caso começara com a presença de uma nota de dez dólares sem que haja informação de mais pormenores. É claro que dez dólares não são muito dinheiro. Pelos vistos, porém, foram na prática o preço de uma vida humana. Negra. Nos Estados Unidos da América.

Uma narrativa sintética

Quem acompanha com alguma atenção, mas não muita, a vida na grande nação americana pode ter sido levado a crer, com o decorrer do tempo e alguma memória do passado, que a questão racial nos Estados Unidos perdeu muito, quase tudo, da enorme aspereza que historicamente a caracterizou. Não é tanto assim. É certo que terminou a prática regular de execuções sumárias de negros, que a Ku Klux Klan deixou de estar na moda nos estados do sul onde vicejava com a bênção tácita das autoridades quando não com a sua aberta cumplicidade, que há alguma presença de estudantes negros em instituições superiores de ensino, mas é claríssimo que a supressão do racismo e uma autêntica paridade racial são outra coisa. Neste quadro, a imagem do joelho branco a pressionar a garganta negra vale como uma narrativa sintética das relações inter-raciais, e é por isso que o grave episódio de Mineápolis fez explodir em diversos pontos dos Estados Unidos protestos, manifestações, resposta. Digamos que paralelamente, a imagem daquele joelho a assassinar um negro vale como testemunho acusatório da fragilidade de um entendimento democrático à escala nacional. E o que mais pode porventura impressionar-nos é que eles, os Estados Unidos onde a cena ocorreu, mandam na maior parte do mundo. Onde estamos.